

# **ESQUIZO-ESCRITA DO FIGURINO COMO DISPARO PARA O (NÃO) PROCESSO CRIATIVO (OU PARA UMA CRIAÇÃO AUTORAL)**

**HOFFMANN, Ana**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**hofana@gmail.com**

**Palavras-chave:** criação, escrileitura, esquizo-escrita

## **Introdução**

Este projeto tem como objetivo dar continuidade e ampliar, em restritas proporções, através de oficinas de exercícios de Escrileituras, a pesquisa do Projeto "Escrileituras: um modo de ler e escrever em meio à vida" vinculado a CAPES/INEP, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Sandra Corazza. Neste sentido, apresenta-se como objeto bruto a escrita e leitura de figurinos que problematiza o que pode ser vestido, que não seja um modo de vestir na/da moda, na produção dos modos de vida?

Na busca por ter uma “ideia” em alguma coisa, a partir da leitura dos autores da Filosofia da Diferença, Gilles Deleuze, Felix Guattari e Michel Foucault e das pesquisas de Sandra Corazza e Paola Zordan, surge o disparador para fazer da oficina uma possibilidade de potência criadora, que tenta resistir ao clichê, propondo novas formas de criar, resistir e violentar o pensamento. Esboça linhas para inventar modos de escrever, linhas para inventar modos de criar. Linhas para inventar modos, como amarrar tecidos às formas para compor formas a partir de formas em devir. Escova o lugar atribuído a algo e alguma coisa, para pensar novas formas de pensar e fazer. Com isso, produz outro modo de lidar, criando pedaços desconexos de espaço (visual) e resistindo a qualquer forma já instituída: a esquizo-escrita.

## **Metodologia**

Ao partir do pensamento de que “um livro é um tal agenciamento e, como tal, inatribuível. É uma multiplicidade...” (DELEUZE, 1995, p.17), toma-se a leitura para induzir a criação uma *esquizo-escrita* do figurino dos personagens de um texto literário. Trata-se como esquizo, ao partir de alguns conceitos apontados por Deleuze no Plato 2, ao dizer que “não somos mais nós mesmos [...] Fomos ajudados, aspirados, multiplicados.” Ou seja, somos o que somos, a partir de diversos atravessamentos, que constituirão nosso repertório pessoal, nosso modo de existência, “passagem de vida” que extravasa, ultrapassa qualquer matéria vivível (CORAZZA, 2006, p.26). Inorganizado. Transbordante. Ziguezagueante” (CORAZZA, 2006, p.74) e por isso produtiva e desprovida de forma, sem prender-se a um modelo.

A esquizo-escrita pode assumir diversas formas, não de interpretação, mas de cartografias, produção de subjetividade de algo ou alguma coisa, que pode ter acontecido ou não. “Caso de devir, sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se” (CORAZZA, 2006, p. 26). Desta forma, tem-se o uno, que torna-se duplo, que torna-se quádruplo, que torna-se múltiplo, diante das possibilidades potencializadas pela leitura. Somados a isso, as sensações produzidas são o catalizador para os impulsos criativos, na tentativa de transformar e movimentar possíveis conexões de ideias através de um grupo de pessoas.

A esquizo-escrita do figurino não terá comprometimento com qualquer forma literária. Será de ruptura, inventiva. O objetivo aqui não será denominar um estilo, ou criar um método, mas compreender que esta escrita poderá produzir efeitos, que poderão se materializar através das formas, neste caso, o figurino. Experimenta e por isso se expõe. Corre riscos. Desterritorializa, e com isso se multiplica.

Desta escrita do figurino, escrita de sensações, o figurino transforma-se em matéria. Experiência. Experimento. Uma criação e uma posição em relação ao fazer o figurino, visto que as formas primeiramente assumidas podem se decompor em novas formas, podem ser lapidadas e impulsionar novas autorias.

O disparo se dá a partir de um texto literário, cuja leitura possibilita/inventa a identificação/criação de alguns personagens e que ao longo da narrativa, conforme seu desdobramento se possa escrever sobre este(s) personagem(s). O texto disparador é a “força motriz que dá potencia” no desenvolvimento desta pesquisa. As características dos personagens culminarão num “tipo psicossocial” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.82) que poderá ser tecido, por tecidos através de formas e cores. Neste caso, estas imagens serão construídas a partir do que se lê, ou seja, dos dados que estão no texto; mas também da memória, que funciona como um repositório de imagens e consequentemente, vai tomando formas diferentes, de acordo com o repertório pessoal de cada um dos participantes. “Arranca dos estados de coisas históricos de uma sociedade, como do vivido dos indivíduos para fazer deles traços de personagens conceituais...” (p. 85).

Optou-se por trabalhar com contos. Para esta oficina o conto “Uma história de borboletas” de Caio Fernando Abreu. Mas poderiam ser outros: Edgar Allan Poe, Machado de Assis, Lígia Telles, são tomados como possibilidades. Do conto, outro conto se multiplica, ideações: escritos são esboçados, diagramados, esquematizados, através de desenho, de texto. O objetivo aqui, não é testar habilidades artísticas, de desenho ou de escrita, mas criar possibilidades para tais personagens pela espreita de seus figurinos. “Traçar, inventar, criar, [...]. Traços diagramáticos, personalísticos e intensivos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.93) que podem dar vida a outros personagens, fazer multiplicar e proliferar.

“Esse esboço meio desarticulado é um dos primeiros procedimentos para que o plano passe a tomar corpo” (ZORDAN, 2011, p.04). Para isso, “não se trata de seguir um método, mas de produzir maneiras, criar vontade para o trabalho.” (ZORDAN, 2011, p.03). Tecer, e tecendo encontrar linhas para inventar modos de escrever, linhas para inventar modos de criar, tais como amarrar tecidos às formas para compor formas a partir de formas em devir. Forças que vibram, e põe as formas em movimento, por isso formas que estão sempre em vias de fazer-se, que ampliam suas possibilidades, liberam a vida e produzem singularidades.

## Resultados e discussão

Todo disparo é notável, digno de nota. (ZORDAN, 2011, p. 04)

Da apreciação a esboços de escrita, fabulações, a lembrança dos Parangolés de Hélio Oiticica, que dos “panos” envoltos no corpo e presos por alfinetes se completam pela participação do expectador, que é também coautor da obra. Mas, que conforme passam pelos corpos outros, tomam novas formas, nunca se “inscreve” da mesma maneira.

Há aí uma motivação para a criação. Produção de um devir-escrita, aberta e inacabada. Escrita performática, difícil de ser presa na sua significação. Assignificante e por isso uma escrita de invenção, que nasce da necessidade de criar.

“Há, com efeito, traços existenciais: Nietzsche dizia que a filosofia inventa modos de existência ou possibilidades de vida.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.88) regidos

pelo gosto, que regra a criação. Mas não há resultado, visto que a pesquisa se assim preferir, nunca termina, podendo se multiplicar em novos planos, novos personagens e novos conceitos criar. Ela pode se repetir sem parar, podendo sempre dar espaço ao novo, a novidade. Conquista uma liberdade de pensamentos, adquirem formas paradoxais, fantasmas de formas, disformes quem rompem com o casulo. São possibilidades de vida, que não cessam de reinventar-se, faz nascer novos modos de existência.

### **Considerações finais**

Sendo assim, a esquizo-escrita do figurino, se configura pela busca de outros modos, outras maneiras de criar e produzir. Descobre a criação a partir da experimentação, como fuga da representação que impõe formas já dadas. Se alimenta do desconhecido, entra em devir para produzir uma obra aberta, capaz de se multiplicar, fazer ressoar outras coisas, reinventar, não ter fim.

A escrita é sempre experimentada no sentido de seus limites; ela está sempre em vias de transgredir e de inverter a regularidade que ela aceita e com a qual se movimenta, a escrita se desenrola como um jogo que vai infalivelmente além de suas regras e passa assim para o fora. (FOUCAULT, 2001, p. 269)

Conjuga na fruição do corpo todo, sua possibilidade inventiva e produz ressonâncias numa escrita outra, que emerge de um estado de deriva, de uma enchente de ideias, mas também de uma ausência de ideias, de um vazio.

Ainda assim, prudência é necessário. Pois o clichê está à espreita e o que parecia novo, pode rapidamente se tomado como dado, senso comum. Neste caso, “é preciso novamente tudo apagar, limpar, laminar, até mesmo retalhar, para fazer passar uma corrente de ar do caos que nos dá a visão.” (DELEUZE, GUATTARI, 1992, p. 240)

### **Referências**

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação.** Tradução: José Marcos Macedo. Edição Brasileira: Folha de São Paulo, 1987

DELEUZE, Gilles ; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. Introdução ao rizoma. In: \_\_\_\_\_ **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2 Vol 1. (Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 17-49.

CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens:** Filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor? Michel Foucault, 2001*. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. p. 264-298

ZORDAN, Paola. **Disparos e excesso de arquivos**. Rio de Janeiro: Anpap, 2011. Disponível em [http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/paola\\_zordan.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/paola_zordan.pdf)